



JOÃO MARCOS COELHO
ESPECIAL PARA O ESTADO

Ludwig van Beethoven (1770-1827) sempre foi um compositor político. Quando compôs sua *Terceira Sinfonia*, em 1803, apelidada *Eroica*, estava arrebatado pelos ideais da Revolução Francesa, pretendia mudar-se para Paris e a dedicou a Napoleão Bonaparte. A obra gira em torno de uma marcha fúnebre que evoca as cerimônias patrióticas típicas da Revolução Francesa, que o fascinava.

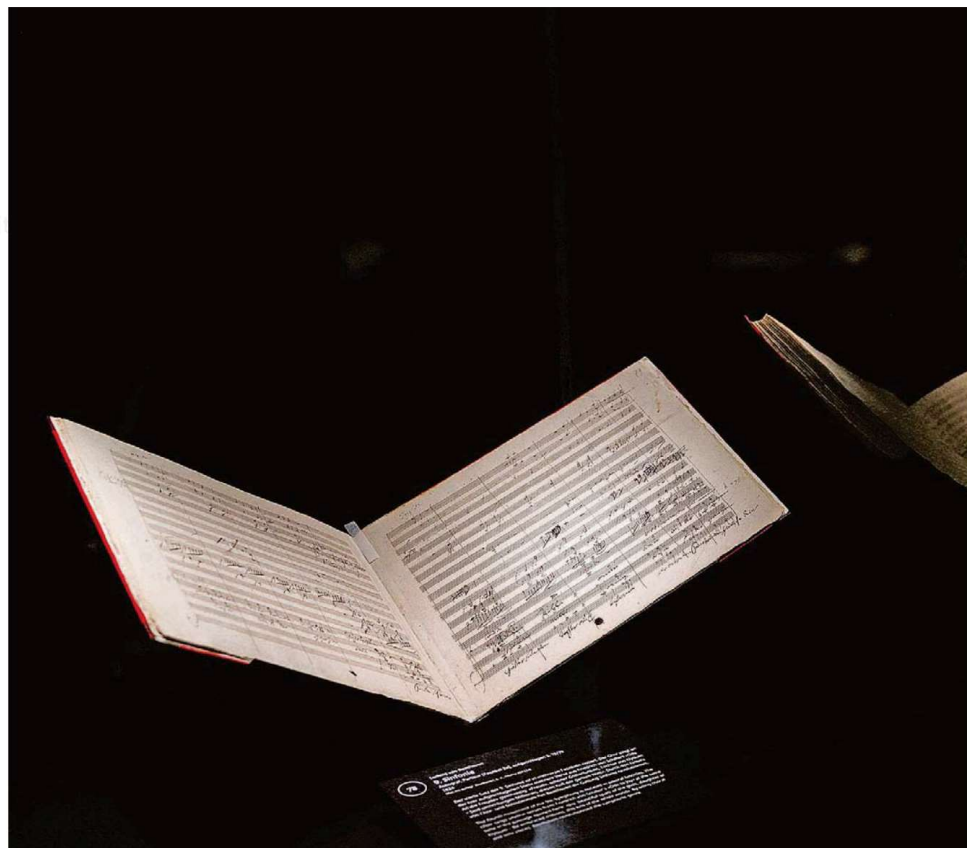
Essa história já foi repetida mil e uma vezes; e, quando Napoleão se autocoroou imperador da França, mudou a dedicação para “em louvor de um herói”. Vinte e um anos depois, quando estreou sua *Nona Sinfonia*, em 7 de maio de 1824, seu quarto e revolucionário movimento, a *Ode à Alegria*, com solistas e coral, a transformou na sinfonia que reina até hoje, e provavelmente reinará nos próximos séculos, como obra máxima da música ocidental.

A *Eroica* e a *Ode à Alegria* foram duas das músicas mais manipuladas politicamente nos últimos dois séculos. Na República de Weimar, os comunistas celebraram a *Eroica* como obra revolucionária, enquanto os nazistas ouviam nela uma representação do poder militar. Aliás, outra de suas sinfonias, a *Sétima*, também entra nesse balaio ideológico: os mesmos nazistas, a partir de 1933, com a instalação do Terceiro Reich, declararam que a *Sétima* era a “sinfonia do triunfo nazi”, enquanto no mundo pós-Segunda Guerra os comunistas da República Democrática Alemã a interpretaram como uma antecipação do triunfo do proletariado. A Filarmônica de Berlim tinha de tocá-la, todos os anos, no aniversário de Hitler.

Na década de 1970 continuou a esquizofrenia ideológica em plena Guerra Fria: a *Nona Sinfonia* foi coroada, em 1972, como o hino do Conselho da Europa e, em 1985, como hino oficial da Comunidade Europeia. Também em 1974, tornou-se o hino oficial da Rodésia, o regime branco racista da África do Sul.

Em 1989, marcando o final da União Soviética e da Guerra Fria, o muro que separou por décadas a Alemanha foi derrubado. A comemoração foi um acontecimento transmitido pela TV para o mundo inteiro, com o americano Leonard Bernstein regendo a *Nona* junto aos destroços do muro nefasto. E, como Lenny também era um sujeito político, substituiu “freude” por “freihert” no título de poema de Schiller usado por Beethoven, e o coro cantou *Ode à Liberdade*.

Não cabem culpas. Afinal, a vida se encarrega de plantar contradições na existência de



— Depois de 7 de maio de 1824, data da estreia da sinfonia de Beethoven, a música jamais seria a mesma

A ‘Nona’, duzentos anos depois

todo ser humano. Com Beethoven também foi assim. Em 1814, ele escreveu: “Nunca mostre abertamente a todos os homens o desprezo que eles merecem, pois nunca se sabe quando se há de precisar deles”. Dez anos depois, semanas após a estreia da *Nona*, o compositor se inclinou a considerar a *Ode à Alegria* um erro — mais do que isso, uma “besteira”, e pretendeu substituí-la por um movimento puramente instrumental, sem texto.

SHERLOCK HOLMES. Felizmente, deixou a *Nona* intacta, tal como estreou há 200 anos. Theodore Albrecht, norte-americano de 78 anos que vem dedicando sua vida a Beethoven, é professor emérito de história da música na Universidade de Kent, em Ohio, onde leciona desde 1992. Traduziu para o inglês e editou a correspondência e quatro volumes contendo todos os cadernos de conversação do compositor. E acaba de lançar nos EUA, pela Boydell Press, o livro *Beethoven's Ninth Symphony – Rehearsing and Performing Its 1824 Premiere* (Nona Sinfonia de Beethoven – Ensaaiando e Apresentando sua Estreia em 1824).

Ele declara, de início, que não vai discutir tecnicamente a sinfonia, nem seu legado do ponto de vista musical, po-